



Consumo Crítico e Solidário na ótica dos Consumidores da Feirinha Solidária da UFU

Critical and Solidarity Consumption from the Feirinha Solidária of UFU's Consumers

BETANHO, Cristiane¹; ROALCABA, Orly Denisse Calle²; FERNANDES, José Eduardo³

^{1,2,3} Universidade Federal de Uberlândia; ¹ crisbetanho@ufu.br; ² orlydenisse@gmail.com; ³ eduambienta@ufu.br

Eixo temático: Economias dos sistemas agroalimentares de base agroecológica

Resumo: O objetivo deste Relato de Experiência é refletir sobre o processo de construção e aprofundamento das relações de confiança entre consumidores e agricultores agroecológicos, a partir da ideia do Consumo Crítico e Solidário, desenvolvido no âmbito da Feirinha Solidária da UFU. Trata-se de excerto de Pesquisa-Ação desenvolvida no âmbito de uma incubadora de iniciativas populares solidárias. Os resultados apontam que o consumo pode ser direcionado para fomentar solidariedade, superando a lógica da mercadoria e enfatizando o relacionamento entre trabalhadores produtores e consumidores.

Palavras-Chave: agroecologia; consumo crítico e solidário; Economia Popular Solidária.

Keywords: agroecology; critical and solidarity consumption; Popular Solidarity Economy.

Contexto

O Núcleo de Agroecologia e Produção Orgânica da Universidade Federal de Uberlândia (NEA/UFU) foi criado em 2013, a partir dos recursos captados no Edital MCTI/MAPA/MDA/MEC/MPA/CNPq 81/2013, e institucionalizado no Centro de Incubação de Empreendimentos Populares Solidários (Cieps), organismo da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFU que tem como missão assessorar coletivos de trabalhadores que desejem organizar iniciativas produtivas a partir dos princípios da Economia Popular Solidária (EPS). O Cieps atua junto a Organizações Produtivas Solidárias (OPS) de catadores de recicláveis, coletivos de arte-cultura popular e de agricultores familiares em transição agroecológica.

A Associação Brasileira de Agroecologia (ABA, 2019) entende Agroecologia como um enfoque multidimensional e transdisciplinar que propõe estudar processos de desenvolvimento na perspectiva ecológica e sociocultural. Adotando como unidade de análise o agroecossistema, busca apoiar a transição dos modelos convencionais para estilos sustentáveis de agricultura e desenvolvimento rural. Agroecologia é, ao mesmo tempo, enfoque científico, teórico, metodológico e prático; e Movimento Social, posto que sua ação prática e política tem o condão de influenciar e transformar, com o coletivo, a visão da sociedade sobre os processos de produção e a relação dos mesmos com desgaste e/ou a preservação da natureza e da saúde.



Por Sustentabilidade, o NEA/UFU adota a definição de Mészáros (2007:190: "estar no controle dos processos sociais, econômicos e culturais vitais, pelos quais os seres humanos não somente sobrevivem, mas também encontram realização, de acordo com os desígnios que estabeleceram para si mesmos". Assim, entendemos necessário questionar como se dão tanto os processos de produção e reprodução em sociedade, caso contrário, submetemos a construção da Agroecologia aos processos de cooptação e subsunção de ideias do modo de produção capitalista.

O NEA/UFU trabalha articulando Agroecologia e Economia Popular Solidária, vista pelo Cieps e pelo Fórum Regional de Economia Popular Solidária do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba (FREPS) como uma abordagem, acima de tudo, política, que questiona o modo de produção capitalista, seus resultados sobre o bem-estar dos trabalhadores e seus impactos em relação ao desenvolvimento humano na sua totalidade, e pretende construir uma alternativa econômica em que os trabalhadores tenham poder de decisão sobre a produção e a distribuição do valor gerado pelo trabalho coletivo (BETANHO et al, 2018).

Este Relato de Experiência reflete sobre o processo de construção e aprofundamento das relações de confiança entre consumidores e agricultores, a partir da ideia do Consumo Crítico e Solidário, desenvolvido no âmbito da Feirinha Solidária da UFU, descrito na seção a seguir.

Descrição da Experiência

A Feirinha Solidária é um espaço de formação e relacionamento, dentro dos limites dos *campi* da UFU, fundado em 2015 a partir do trabalho do NEA/UFU que vinha, desde 2013, acompanhando com cursos e assessoramento técnico e político os grupos de agricultores que desejaram fazer a transição agroecológica.

A Feirinha Solidária da UFU tem o objetivo de desenvolver conhecimentos, habilidades e atitudes que proporcionem aos trabalhadores envolvidos em OPS incubadas no Cieps e/ou envolvidas em seus programas e projetos, ocupar espaços de mercado sem intermediários, superando a exploração por atravessadores e melhorando a renda dos trabalhadores. Sobretudo, pretende-se, a partir da produção e do consumo de alimentos saudáveis, ir além da formação técnica para que se possa sociorreferenciar a relação dos trabalhadores do campo em relação aos seus pares da cidade, superando as relações de dependências, avançando na construção de redes de produção e consumo crítico e solidário.

Exercer o consumo crítico e solidário é preferir produtos oriundos de OPS em detrimento de ofertas de empresas capitalistas, buscando contribuir na geração de trabalho e renda, repudiar a exploração de trabalhadores e melhorar o padrão de renda dos trabalhadores, evidenciando a produção e o desenvolvimento local (BETANHO; FERNANDES, 2018).



Este Relato de Experiência é um excerto da Pesquisa-Ação desenvolvida no Cieps no processo de acompanhamento e assessoramento dos coletivos participantes da Feirinha. A metodologia fomenta a participação de todos os grupos de interesse e é flexível ao indispensável diálogo entre áreas de conhecimento diferentes que são acionadas na reflexão crítica necessária ao desenvolvimento de novos processos de produção e comercialização, e por facilitar que esses conhecimentos sejam apropriados pelos trabalhadores (THIOLENT, 1997).

Neste recorte, foram realizadas entrevistas exploratórias com 10 consumidores da Feirinha, identificados como C1, C2... C10, para entender motivações de consumo e frequência ao espaço. O período de coleta das impressões se deu entre maio e junho de 2019 e as falas foram gravadas e transcritas para análise de conteúdo. Os resultados e suas implicações são apresentados na seção a seguir.

Resultados

O consumo crítico e solidário está ancorado no combate à degradação ambiental, na escolha por adquirir produtos agroecológicos (no caso de alimentos) e produzidos localmente; no reconhecimento do trabalho, portanto privilegiando os espaços em que podem ser cultivados relacionamentos entre produtores e consumidores; e no cultivo de relações de solidariedade entre os trabalhadores que produzem e os que adquirem os produtos no processo de troca, respeitando a diversidade cultural, histórica e de valores dos grupos (BETANHO; FERNANDES, 2018).

Os consumidores que frequentam a Feirinha Solidária da UFU referem-se à proximidade com os agricultores como um fator motivador para a frequência ao espaço, no mesmo nível em que valorizam a produção orgânica. Ambas as motivações apareceram interligadas em 8 das 10 entrevistas: “ser orgânico e não ter agrotóxico, (...) algo que tenha mais nutrientes e também por causa dos pequenos produtores, para incentivar essas famílias que produzem na zona rural como uma forma de economia alternativa em relação ao agronegócio (....)” (C7)

Um consumidor relatou a questão da sociabilidade familiar como um fator importante no processo: “gosto também de vir com os meus filhos aqui, porque sempre tem crianças e tem árvore para eles subirem (...) e enquanto eu faço as compras, eles interagem, conhecem outras crianças, brincam aqui nestes espaços” (C10)

A preocupação com a saúde apareceu em todas as oitavas. A apreensão em relação ao consumo de alimentos com agrotóxicos e adubos químicos foi predominante (8 em 10 entrevistas, sendo que um consumidor relatou câncer na família), mas também apareceu o cuidado ativo da saúde a partir de uma alimentação saudável (4 em 10 respostas, sendo que uma consumidora relatou a alimentação do seu bebê).

O espaço foi referenciado como indutor de novos hábitos alimentares e os consumidores ressaltaram encontrar alimentos diferenciados (9 em 10 entrevistas): “tem muitas folhas e frutas que não existem nos verdurões, (...) nem com



agrotóxicos (risos) (...) comprar uma coisa que você nunca comeu, descobrir como que é que faz e comer, isso é muito satisfatório” (C10); “toda semana tem coisas diferentes, acaba variando muito o cardápio” (C2).

De fato, uma das ações programáticas da Feirinha é a pesquisa de Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs) e teste e disseminação de preparos culinários para despertar novas possibilidades de alimentação nos consumidores:

eles explicam para a gente quando é alguma planta que a gente não conhece, mesmo assim, quando é alguma outra verdura, eles estimulam, falam ‘esse daqui pode comer com salada, esse outro pode comer cozido’ (...) eu já tenho indicação deles ou das meninas da nutrição, porque as receitas delas sempre dão umas sugestões de consumo (C1)

Nessa fala, pode-se perceber que a indicação de consumo parte tanto da equipe de nutrição quanto dos agricultores, o que indica que os mesmos estão se apropriando de conhecimentos e também resgatando hábitos e cultura camponesa, o que indica resistência à padronização de mercado a que a sociedade está submetida.

Finalmente, foi perguntado aos consumidores se eles tinham sugestões de melhoria para a Feirinha. Em todas as manifestações, apareceu o apreço e o apoio ao projeto: “eu acho que a gente tem o contato com os agricultores, sempre tem um cafezinho disponível aqui para a gente (riso)” (C1)

E também aparece o desejo de aprofundar a diversificação de itens para além dos já existentes. Os consumidores entendem que esse processo é incremental: “quando eu encontro aqui abacaxi, ele é extremamente saboroso (...) nós gostaríamos de encontrar mais variedades de frutas, mesmo do cerrado. Eu sinto falta, mas eu sei que sua produção sem agrotóxico é muito complicada” (C10)

Como salienta Gaiger (2009), a prática da solidariedade se manifesta na reciprocidade e em um duplo anseio emancipatório por parte dos trabalhadores: do trabalho alienado e superexplorado, e da pobreza da sociabilidade decorrente da ancoragem das relações na esfera do consumo. Como podemos ver nas entrevistas, esse anseio se manifesta na classe trabalhadora, tanto exercendo o papel de produtora como de consumidora de bens e serviços.

O conceito de sustentabilidade de Mészáros aparece claramente refletido na manifestação da prática agroecológica apresentada neste Relato. É preciso romper com a atual lógica de produção e consumo, o que não é simples e nem resultado de um processo trivial. Trata-se de resistir ao estímulo ao individualismo, à massificação cultural, à competição e ao consumismo. Por isso a importância de conjugar o conceito de EPS ao da Agroecologia, a nosso ver, a partir da ideia do Consumo Crítico e Solidário.

A experiência relatada é de um espaço geográfico bastante delimitado. No entanto, a construção de relações ancoradas na solidariedade não se limita a esse espaço.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



Outra limitação importante a refletir está relacionada ao fato de que as ofertas que atualmente são passíveis de produção e troca a partir de redes de consumo crítico e solidário representam apenas parte do espectro do consumo humano atual, e muitas vezes existe a necessidade de produtos de fora das cadeias produtivas solidárias. No entanto, como afirma Eid (2002), as experiências da EPS podem ser um caminho para demonstrar ser possível o surgimento e o crescimento de formas democráticas de organização, superando a exploração do trabalho, a expropriação da mais-valia e a alienação.

Politizar as relações com o mercado trata de reconhecer, criticamente, o movimento combinado de cooptação e subsunção de ideias e reconhecer as armadilhas engendradas pelo modo de produção capitalista, que os meios de comunicação e formação hegemônicos buscam afirmar ser a única forma possível de organizar a sociedade, e opor-se a esse movimento. Para além da mercadoria, o trabalho. Para além do consumo, a solidariedade. Para além da retórica, a prática. Essas são as reflexões que sugerimos para aprimorar nosso desenvolvimento, em prol de uma sociedade mais justa e solidária.

Agradecimentos

Este trabalho é resultado parcial do projeto Apoio a Continuidade do Núcleo de Estudos em Agroecologia e Produção Orgânica da Universidade Federal de Uberlândia, apoiado por MCTIC/MAPA/MEC/SEAD - Casa Civil/CNPq, executado a partir do Centro de Incubação de Empreendimentos Populares Solidários (Cieps/PROEXC/UFU).

Referências bibliográficas

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE AGROECOLOGIA. **Quem Somos** (20..). Disponível em: <https://aba-agroecologia.org.br/sobre-a-aba-agroecologia/sobre-a-aba/>. Acesso em: 12 jun. 2019.

BETANHO, C. et al. **Agroecologia e Economia Popular Solidária para a Agricultura Familiar Camponesa**. v. 8, p.1-48. (Série Agroecologia). Uberlândia: UFU/PROEXC/Cieps, 2018..

BETANHO, C.; FERNANDES, J.E. Consumo Crítico e Solidário: uma reflexão sobre as relações de produção e consumo. **Anais do Enanpad**. Curitiba, 3 a 6/10, 2018.

EID, F. (org). **Construindo uma economia solidária**. Confederação Nacional dos Metalúrgicos – CNM/CUT. Campinas: Unicamp, 2002.

GAIGER, L.I. Antecedentes e expressões atuais da economia solidária. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 84, p. 81-99, 2009.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



MÉSZÁROS, I. **O desafio e o fardo do tempo histórico: o socialismo no século XXI.** São Paulo: Boitempo, 2007.

THIOLLENT, M. **Pesquisa-ação nas organizações.** São Paulo: Atlas, 1997.